

PARIS

Mariana Cobuci Schmidt Bastos¹

Paris é outra história.
Toda vez que falava de Paris,
Ana Cristina Cesar ficava
atordoada.

Ela queria desfazer o mito,
se irritava, porque depois de Paris
tudo lhe parecia um convento e ela não sabia mais
se se dava bem ou não no convento.

O Centro Pompidou era o lugar mais bonito da cidade.
E a Place Voges parecia um cartão-postal.

Paris perturbava a poeta que sentia que logo
logo faria uma besteira.
Em Paris, tinha a Beth, de quem sabemos pouco,
mas sabemos
que ela recebia gente até
às seis da manhã e que falava
demais.

Paris estremecia os disfarces –
“Será porque é a Cidade-luz?” –
e Ana Cristina temia perder o controle
ao receber um telefonema de Beth
às duas da manhã.

Paris
rima com
bliss,
e a esperança de que ele fosse pintar
quelque part.

Em *A arte de caminhar*,

¹ Doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo, bolsista CNPq.

Rebecca Solnit diz que talvez mais
do que qualquer outra
Paris configura-se como uma cidade que confunde
ou invalida
a separação entre vida íntima e vida pública.

Os namorados nos cafés
voltam-se para a rua,
a rua,
em Paris,
é a atração principal.

É por essa atenção ao
espaço público, diz
Solnit,
que Paris convida
a revoltas populares.
Isso e o fato de a cidade ser relativamente pequena,
fácil de ser percorrida a pé.
Pois a cidade que podemos conhecer caminhando
favorece a fuga e a construção
de barricadas.

Ainda em seu livro Solnit conta como a caminhada
era importante para Virginia Woolf. Lendo o seu
Au hasard des rues,
podemos associar esse gesto de percorrer as ruas
ao fluxo de consciência que Woolf constrói
em suas narrativas.

Caminhar sem destino permite uma saída de si,
nos coloca em um estado de pensamento próprio ao atravessamento
de outros corpos, outras vozes,
e paisagens.

Caminhar no modo que as ruas de Paris celebrenmente nos convidam a fazer,
isto é,
flanando,
assemelha-se, penso, à prática do desenho em Ana Cristina,
uma vez que ela desenhava para sentir outro ritmo,

para sair da técnica, da imagem de quem domina
e pôr-se numa posição
amadora.

Caminhar e desenhar são modos de atenção.
Uma atenção, como Ana Cristina escreve em seu caderno,
flutuante, mas não descuidada,
também um pouco premeditada,
caminhar em Paris
desenhar
sem medo de prosseguir, ela diz –

“não ter medo do inesperado, mesmo ao som do *hit parade*”

‘
“não tem olhos, só têm direção. sem olhos, mas não
cegos”.

Para Roland Barthes quando estamos
em uma cidade que não é a nossa –
“estou desenhando em uma vila que não me pertence” ela escreve
em *Luvas de pelica* –

quando estamos numa cidade que não nos pertence, estamos
mais propícios a experimentar, a conhecer
algo que é um pensamento mas também
uma sensibilidade,
uma forma de vida, algo que Barthes chama
de não-querer-agarrar.

Estrangeiros, estamos na cidade, percorremos suas ruas, vemos e podemos
amar aquela paisagem, mas sabemos que vamos partir e sabemos,
de algum modo, que se a tomássemos como nossa,
e pudéssemos contar sua *história completa*, ela
desapareceria assim como
o ponto de partida.

“Fui pra Paris e me fudi”,
Ana Cristina escreveu em uma carta.

Submetido em: 09/11/2023

Aceito em: 12/05/2024